

REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

REFLECTIONS ON TEACHING WORK IN THE UNIVERSITY CONTEXT

Tatiana Machiavelli Carmo Souza*

Cirlene Aparecida Hilário da Silva Oliveira**

RESUMO: O presente artigo tem o intuito de discutir o trabalho docente, na contemporaneidade, sob a tônica do contexto universitário por tratar-se de espaço privilegiado de formação profissional. Essa discussão tem como ponto de partida pressupostos da filosofia da educação, numa perspectiva crítica. A educação configura-se como dimensão básica e necessária da vida individual e coletiva, já que ao assimilar, reproduzir e reinterpretar um dado modo de existir, o ser humano concretiza uma visão de homem/mundo. Compreende-se a educação como possibilidade de transformação social, buscando superar os limites impostos pelo Estado e pelo mercado. Nessa concepção de educação, discute-se o papel do docente frente o desenvolvimento de propostas educacionais que busquem a promoção do desenvolvimento humano em sua totalidade e, por consequência, que incidam na construção de uma sociedade democrática. Sabe-se, entretanto, que o docente universitário não possui formação profissional específica para sua atuação e seu cotidiano é marcado por condições desfavoráveis de trabalho. A carreira do docente universitário, no cenário brasileiro contemporâneo, prima pela produção acadêmica, pelo acúmulo de capital cultural, pela quantidade de publicações específicas, isto é, privilegiam-se as atividades de pesquisa em detrimento do exercício da docência e extensão. Dessa forma, o docente é conduzido a construir um caminho individual, no qual as relações não são contempladas ou até mesmo vistas como concorrência. As condições para o trabalho coletivo são deterioradas na medida em que os espaços para o diálogo, para o planejamento em conjunto, para as práticas interdisciplinares são minadas pela lógica da produtividade. A profissão docente é significativamente marcada pelos padrões adotados pela comunidade científica, pelas modificações das estruturas materiais e modo de produção, pelas formas de convivência, pelos meios de comunicação. Essa nova conjuntura conduz a alterações na forma de pensar, sentir e agir que produzem nova cultura profissional e requerem novos posicionamentos dos docentes, incidindo diretamente na constituição subjetiva dos docentes.

Palavras-chave: Docência. Ensino Superior. Educação.

ABSTRACT: *The present article aims to discuss the teaching work in the contemporaneity,*

* Psicóloga, Doutoranda em Serviço Social pela UNESP/Franca; mestre em Serviço Social pela UNESP/Franca, especialista em Psicopedagogia, docente na graduação na Universidade de Franca e na pós-graduação na Fundação Educacional de Ituverava. .

** Docente da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP/Franca; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Formação Profissional em Serviço Social; Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP/Franca. .

under the matter of the University context, since it is privileged space of vocational training. This issue has as starting point assumptions of education philosophy, in a critical perspective. The education constitutes a basic and necessary dimension of individual and collective life, since by assimilating, reproduce and reinterpret a particular mode of existence, human beings fulfill a vision of man/world. It is understandable the education as a possibility of social transformation, seeking to overcome the limits imposed by the State and by the market. In this conception of education, discusses the role of teaching practice before the development of educational proposals that seek to promote human development in its entirety and, consequently, relating to the construction of a democratic society. However, it is known that the university teaching staff has no specific professional training to their acting, and their daily life is marked by unfavourable conditions of work. The career of University teaching staff in the contemporary Brazilian scenario, stands out the academic production, by the accumulation of cultural capital, by the amount of specific publications, i.e. priority is given to research activities in detriment of teaching exercise and extension. Thus, the teacher is driven to build an individual path, in which relations are not contemplated or even seen as competition. The conditions for collective work are deteriorated to the extent that the spaces for dialogue, for planning together for interdisciplinary practices are undermined by the logic of productivity. This new conjuncture leads changes in the manner of thinking, feel and act which produce a new professional culture and demands new positioning of the teachers, directly addressing in the constitution of the psyche of them.

Keywords: *Teaching. Higher Education. Education.*

A capacidade de refletir sobre determinada situação possibilita ao homem sua intervenção no mundo. Dentre as diversas maneiras de realizar essa intervenção sobre a realidade escolhemos a educação como espaço privilegiado para essa tarefa, partindo assim de algumas reflexões acerca da atuação docente no contexto do Ensino Superior. Ademais, a crescente expansão das instituições de Ensino Superior conduz à discussão do seu contexto. O profícuo crescimento de faculdades, centros universitários e universidades requer maior investigação e estudo desse espaço educacional, especialmente acerca da figura docente, que tem papel singular no processo de construção do conhecimento.

A educação configura-se como dimensão básica e necessária da vida individual e coletiva, já que ao assimilar, reproduzir e reinterpretar um dado modo de existir, o ser humano concretiza uma visão de homem/mundo. Parte-se da compreensão de todo processo educativo contém em si uma finalidade. Os propósitos intencionais devem estar voltados ao desenvolvimento do ser humano, bem como de toda sociedade. Toda prática educativa

interfere no desenvolvimento individual e social. Dessa forma, é certo que não se pode dissociar educação de sociedade, pois a educação se efetiva na sociedade. Compreende-se a educação como possibilidade de transformação social, buscando superar os limites impostos pelo Estado e pelo mercado.

Nessa lógica, concebe-se que toda e qualquer prática educativa deva levar em consideração a realidade social brasileira; diante das características dessa sociedade desenvolver-se-ão os objetivos pretendidos pela educação. Busca-se, com isso, educação democrática e comprometida com os valores de justiça e igualdade de direitos; educação que contenha a perspectiva de emancipação.

Partindo desta concepção de educação, espera-se que o docente no Ensino Superior tenha comprometimento com o desenvolvimento do educando, assim como com o processo de desenvolvimento da sociedade. Segundo Gadotti (2000), por longo período, buscou-se a educação como instrumento de promoção individual. Ganha tônica, entretanto, a tendência de propostas comprometidas com as tramas sociais.

Segundo Cordeiro (2009) as propostas para a educação, na atualidade, são marcadas pela contradição, a tônica encontra-se na preparação técnica para o trabalho e na proposta de formação integral do sujeito. A problematização dessa situação reside na valorização da dimensão material, aspecto central da sociedade moderna, em detrimento do desenvolvimento do ser humano em sua totalidade. Essa idéia fica ressaltada nas orientações do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI:

Tudo nos leva, pois, a dar novo valor à dimensão ética e cultural da educação (...), a dar efetivamente a cada um os meios de compreender o outro, na sua especificidade, e de compreender o mundo na sua marcha caótica para certa unidade (...). Daí, entre outras coisas, a necessidade de uma iniciação precoce à ciência, aos seus métodos de aplicação, ao difícil esforço por dominar o progresso dentro do respeito pela pessoa humana e da sua integridade (...), a preocupação ética (DELORS APUD CORDEIRO, 2009, p. 113).

Frente aos desafios educacionais da modernidade, o docente tem papel central no desenvolvimento de propostas educacionais que busquem a promoção do desenvolvimento humano em sua totalidade e, por conseqüência, que incidam na construção de uma sociedade democrática.

Compreende-se que a função docente transcende a mera transmissão de conhecimentos acadêmicos. Na sociedade moderna, o docente universitário tem nova tarefa frente à educação: formar cidadãos, isto é, educar na vida e para vida partindo de propostas com “[...] caráter mais relacional, mais dialógico, mais cultural-contextual e comunitário [...]” (IMBÉRNÓN, 2009, p. 7).

As reflexões de Cunha (2007) mostram que a história da profissão docente esteve, até meados do século XX, ancorada à concepção de missão e vocação, influenciadas pelos valores religiosos. É recente a compreensão do trabalho docente vinculada à perspectiva sociopolítica e ligada à estrutura de poder da sociedade. Essas mudanças assentadas sob o paradigma positivista e a ciência moderna apenas substituíram o dogma religioso pelo dogma científico, permitindo uma aproximação entre o trabalho docente, considerado aqui como fazer intelectual, e o mercado de trabalho. A lógica neoliberal, impulsionada pelas transformações das tecnologias da informação e pela globalização, incide diretamente na atuação docente e no papel da universidade brasileira.

De acordo com Leite e Ramos (2009) as expectativas quanto o papel do docente se alteraram no decorrer da história. Anteriormente, o bom professor era aquele capaz de despertar a atenção dos alunos para o conteúdo do programa, assim como explicá-lo de modo que os alunos compreendessem esse conteúdo. Na lógica atual, espera-se que o docente tenha competência para inovar e intervir na problemática social. Percebe-se uma ampliação das tarefas docentes, a complexificação da atividade docente dada pela multiplicidade de saberes necessários ao exercício profissional.

Mancebo (2007) pontua a existência de três fatores, intrinsecamente relacionados, que incidem diretamente na constituição

subjetiva¹ do docente: a precarização do trabalho, a flexibilização das tarefas e uma nova relação que se estabelece com o tempo de trabalho. O aumento do trabalho precário efetiva-se pela contratação de docentes horistas na universidade privada e pela proliferação de (sub) contratações de docentes temporários na universidade pública. Na medida que o regime de trabalho é intensificado, há o aumento do sofrimento subjetivo, ou seja, as angústias e preocupações são mantidas no plano pessoal, neutralizando a consciência e movimentação de classe e aprofundando o sentimento de individualidade. Há também intenso crescimento nas atribuições do docente, conseqüência da flexibilização de tarefas. Esse, além das responsabilidades sobre a sala de aula e o processo de pesquisa, passa a desempenhar atividades burocráticas, desde o preenchimento de documentações e afins até a captação de recursos. Por fim, a relação com o tempo de trabalho é modificada gerando a aceleração da produção docente, bem como maior tempo de dedicação ao trabalho.

Imbernón (2009) destaca as condições desfavoráveis em que a profissão docente se estrutura:

[...] os processos de instabilidade, a falta de gratificações morais e o isolamento que repercute na prática profissional e no profissionalismo coletivo: o ambiente de trabalho do professor, a tendência à rotina formal pelo desenvolvimento de um número limitado de esquemas práticos, a limitação das

¹ A subjetividade se articula à história e se constitui a partir da apreensão singular da tradição cultural. Essa apreensão possibilita ao sujeito se reconhecer e reconhecer o outro, o que significa considerar o coletivo e o singular nessa constituição. Dessa forma, a constituição da subjetividade perpassa o entorno social, representado pelos valores, conhecimentos e idéias sociais existentes em determinado período histórico. Entretanto, sabe-se que a rede cultural e social se agrega à constituição subjetiva, mas não define essa constituição, já que o singular se configura a partir de experiências idiossincráticas. Partindo dessa compreensão, entende-se a subjetividade sendo constituída num espaço relacional, espaço este de encontro do indivíduo com o mundo social, resultando em marcas peculiares tanto na formação individual, quanto na construção de valores compartilhados na dimensão cultural. É então o registro individual, pessoal que o sujeito faz do mundo a partir de sua inserção nesse mundo.

Para maior aprofundamento, consultar GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

atribuições, seu incentivo profissional, a busca de indicadores de desempenho, a cultura pedagógica social, a solidão educativa, sua formação inicial muito padronizada, a hierarquização e burocratização crescentes, o baixo autoconceito profissional, a imaturidade do usuário, a falta de controle inter e intraprofissional e a possível desvalorização da ação pedagógica por parte das famílias (e da sociedade, portanto) e do próprio grupo profissional (IMBERNÓN, 2009, p. 34).

A carreira do docente universitário, no cenário brasileiro contemporâneo, prima pela produção acadêmica, pelo acúmulo de capital cultural, pela quantidade de publicações específicas, isto é, privilegiam-se as atividades de pesquisa em detrimento do exercício da docência e extensão. Dessa forma, o docente é conduzido a construir um caminho individual, no qual as relações não são contempladas ou até mesmo vistas como concorrência. As condições para o trabalho coletivo são deterioradas na medida em que os espaços para o diálogo, para o planejamento em conjunto, para as práticas interdisciplinares são minadas pela lógica da produtividade.

[...] por um lado, o docente é configurado enquanto trabalhador de um sistema produtivo-industrial, imerso numa organização do trabalho [...] onde sua eficácia e produtividade são objetivadas em índices; por outro lado, o professor é produtor das mercadorias “força de trabalho competente” e “tecnologia e conhecimento científico”, fundamentais na dinâmica do novo funcionamento sócio-produtivo. (MANCEBO, 2007, p. 77).

As propostas para a educação, na atualidade, são marcadas pela contradição, a tônica encontra-se na preparação técnica para o trabalho e na proposta de formação integral do sujeito. A problematização dessa situação reside na valorização da dimensão material, aspecto central da sociedade moderna, em detrimento do desenvolvimento do ser humano em sua totalidade.

De acordo com Campos (2007), fundamentada em Karl Marx, a análise das dimensões subjetivas do trabalho docente pressupõe a concepção do trabalho como elemento central da vida humana. Nesse sentido, se no trabalho encontram-se dilemas e contradições da existência humana, é também no trabalho que se encontram possibilidades para as relações do homem. O trabalho não se configura apenas como aspecto necessário à manutenção da vida, da sobrevivência e da criação de bens, por ser aspecto intrinsecamente humano, o trabalho visa à constituição subjetiva do indivíduo. Na concepção da autora,

O trabalho traz impresso um projeto, uma lei determinante do seu modo de operar e uma vontade. Pode-se dizer, então, que o homem extrai de seu trabalho, além do produto, sua maneira de ser e de se posicionar diante dos outros, da sociedade e do mundo do trabalho, ou seja, extrai a sua própria subjetividade (CAMPOS, 2007, p. 3).

A nova dinâmica, nomeada aqui como “produtivista-consumista”, encontrada na universidade brasileira ressoa na constituição subjetiva do docente, configurando nova identidade. Pode-se perceber, contudo, que essa nova identidade contribui para o adoecimento psíquico e físico do mesmo, para a modificação de práticas pedagógicas e para a precarização das relações no ambiente de trabalho e em demais contextos da vida humana. Meis et al (2005) e Lipp (2002) (apud MANCEBO, 2007) em pesquisas com docentes de diversas áreas reiteram que a continuidade desse quadro poderá conduzir a um declínio da qualidade da ciência e educação brasileira.

Para o pensamento é preciso um tempo de ressonâncias, de elaboração que o termo “experiência” bem expressa, de modo que imediatismo ditado pelo mercado e a exigência do aspecto “aplicado” para o saber caminha em sentido contrário ao processo de criação e de respeito ao tempo de maturação intelectual necessários a qualquer atividade conceitual e de reflexão (MANCEBO, 2007, p. 78).

Acredita-se que a atuação docente que contemple essas características deverá levar em consideração as mediações entre o externo e interno, uma vez que, em nossa compreensão, o processo de aquisição de conhecimento perpassa a internalização dos signos culturais pelo indivíduo. Dessa maneira, pode-se encontrar uma via para a superação de práticas burocratizantes e funcionalistas em atuações que considerem as diversas manifestações da vida humana, que contemplem toda complexidade das relações.

É certo que a atuação docente encontra-se profundamente marcada pelos princípios, crenças e valores que o sujeito possui. Nessa perspectiva, a subjetividade do docente torna-se vinculada às suas práticas, de maneira que as experiências singulares dos educadores afetam e são afetadas pelas experiências profissionais.

As lacunas na compreensão da singularidade do docente, enquanto sujeito do processo educativo, permitem questionamentos e constatações acerca de sua atuação no Ensino Superior e possíveis implicações nas relações educativas deste contexto. Dessa forma, investigar e conhecer a subjetividade do docente e a interface de suas ações no processo de ensino-aprendizagem, faz-se importante para o entendimento do processo educacional, bem como representa a possibilidade de contribuir na qualidade do Ensino Superior brasileiro.

Destaca-se aqui a compreensão de que o trabalho docente tornou-se mais complexo no decorrer de seu processo histórico. Segundo Imbernón (2009), essa complexidade encontra-se vinculada às mudanças das estruturas científicas, sociais e educativas. A profissão docente é significativamente marcada pelos padrões adotados pela comunidade científica, pelas modificações das estruturas materiais e modo de produção, pelas formas de convivência, pelos meios de comunicação. Essa nova conjuntura conduzem a alterações na forma de pensar, sentir e agir que produzem nova cultura profissional e requerem novos posicionamentos dos docentes.

Há expectativa de que a universidade brasileira atinja todas as camadas sociais e conduza à formação crítica e criativa do ser humano. No desenvolvimento e efetivação da educação condizente

com seus princípios, encontram-se várias lacunas, especialmente no que se refere ao papel do docente.

O docente universitário, enquanto sujeito pensante, supera modelos e propõe uma educação transformadora na medida que, também, discute e reflete seus próprios valores, concepções, práticas e ações profissionais. Dessa forma, conceber práticas diferentes dos modelos tradicionais, requer o cuidado de conhecer e lidar com sua própria subjetividade. Segundo Jusevicius (APUD SCOZ, 2006, p. 42):

[...] a reflexividade é uma característica do indivíduo, comprometida com a produção de sentidos subjetivos em todas as esferas de sua vida. É a reflexividade que mobiliza a consciência de si e engaja o indivíduo em uma reorganização crítica de seu conhecimento, ou mesmo na interrogação dos seus pontos de vista fundamentais. Essa situação pode levar o sujeito a reassumir posições e a definir constantemente novas posições dentro dos contextos sociais em que se desenvolve.

Pode-se afirmar, então, que a maneira como o docente se apresenta em sala de aula e em suas diversas atuações acadêmicas encontra-se intimamente vinculada à sua subjetividade.

[...] a forma fragmentada como tem sido concebida a educação tem uma estreita relação com as experiências vividas pelo professor, enquanto sujeito, aluno e professor, uma vez que a valorização da dimensão cognitiva acompanha sua história de vida, sendo, portanto, uma expressão de sua subjetividade (JUSEVICIUS, 2006, p. 43).

Fica evidente que os valores simbólicos e os critérios civilizatórios, somados à cultura, criam contexto emocional e afetivo que se interage às experiências profissionais do docente.

No exercício da docência, aspectos cognitivos vinculados à capacidade de perceber, entender, analisar e acompanhar as rápidas transformações tecnológicas são atributos ressaltados. Essas características têm como foco propiciar o desenvolvimento

do aluno enquanto ser capaz de aprender a aprender. Os sentidos subjetivos, em contrapartida, também se fazem presentes nesse cenário, como destaca Pagnez (2007, p. 39):

Ao professor, cabe ir além dos limites do conhecimento curricular e dispor-se a explorar os valores éticos, sociais, econômicos e políticos na resolução de situações práticas, ultrapassando questões técnicas. A forma de atuação docente no processo de ensino pode auxiliar a transformar seres humanos, como também, via práxis humana, transformar a realidade social em que vivemos.

As tendências educacionais atuais primam pelo docente que contemple as interações educacionais e sociais. Esse deixa de ser transmissor de conhecimentos para ser agente de trocas, de maneira a exercitar a dimensão política de sua prática. Nesse sentido, o ambiente da aprendizagem deixa de ser somente espaço de fornecimento de informações, mas torna-se espaço de construção e formação de subjetividades a partir da relação dialógica entre os atores.

O professor nasceu numa época, num local, numa circunstância que interferem no seu modo de ser e de agir. Suas experiências e sua história são fatores determinantes de seu comportamento cotidiano. Além disso, ele divide o seu tempo em função do seu projeto de vida. Ao analisar o cotidiano estará se fazendo um estudo do momento em que ele está vivendo e esse fato certamente concretizará esse cotidiano. Mesmo que possa haver um similar ritual diário entre um professor em início e outro em término de carreira, os significados dados a este ritual terão variações (BERNARDO APUD CUNHA, 2006, p. 139).

Castanho (2009, p. 65) salienta que o docente universitário “[...] é o único profissional de nível superior do qual não se exige formação para o exercício da profissão.” Muitas são as expectativas acerca da atuação profissional do docente universitário, entretanto,

seu processo de formação profissional, em escassas situações, não o prepara para o enfrentamento da realidade na qual ele se lança.

Segundo Imbernón (2009), o docente precisa passar por uma capacitação profissional que o permita ser um facilitador de aprendizagens, um prático reflexivo, ou seja, um profissional capaz de despertar a cooperação e participação dos alunos. O autor ressalta ainda a importância da auto-reflexão das práticas educativas. Nesse sentido, o docente é aquele profissional que consegue olhar pra si mesmo e interpretar e compreender a realidade na qual está inserido. Busca-se salientar aqui a concepção de que o mundo contemporâneo requer docentes que não estejam dotados apenas de instrumentos intelectuais que o ajudem a compreender as teorias e os aspectos cognitivos, mas é preciso despertar instrumentos de ordem subjetiva que permitam ao professor lidar com a sua emoção e com a emoção, fantasias, desejos, crenças e valores dos demais atores do cenário educativo.

Não busca-se aqui desconsiderar a importância do conhecimento pedagógico que em nossa visão é eixo central da prática docente, ao contrário, o intuito é destacar a importância de agregar outros conhecimentos à atuação cotidiana do docente.

Avaliando, assim, a importância do docente no contexto educativo, acredita-se que a proposta educacional que almeje o desenvolvimento crítico, a autonomia e emancipação do aluno, deverá considerar o docente em suas diversas dimensões – objetiva/ subjetiva, cognitiva/emocional.

Entende-se que o exercício da docência não é algo estático ou permanente. Essa premissa rompe com o a idéia do trabalho docente como transmissão de conhecimentos solidamente construídos pela ciência. Ao contrário, o processo educativo aqui discutido encontra-se vinculado a práticas profissionais resultantes de profundas reflexões acerca da realidade vivenciada, do compromisso ético-político, das relações estabelecidas, ou seja, da mediação dos sujeitos. Cunha (2007) aponta como importante elemento dessa construção a valorização dos sujeitos da educação, “[...] de um sujeito real, contextualizado, envolvido com sua existência, suas escolhas e suas responsabilidades”

(p.15). Essa realidade desejada exige um processo de rupturas com a condição tradicional do professor colocando-o frente a sua própria historicidade, seus valores, suas crenças, enfim sua constituição subjetiva. Nesse sentido, o professor torna-se ponte entre o conhecimento existente e as estruturas cognitivas, culturais e afetivas dos estudantes. A autora ainda destaca

Os saberes constitutivos da profissão docente implicam consciência, compreensão e conhecimento. Sobre essas bases é que se podem estabelecer a reflexividade e, com ela, uma perspectiva mais emancipatória da profissão (CUNHA, 2007, p. 18).

Partindo da investigação da subjetividade do docente no Ensino Superior, o presente trabalho busca conhecer e compreender tal subjetividade e suas implicações no processo de construção de conhecimento. Nesse sentido, espera-se desvendar as relações entre as experiências de vida pessoal/subjetiva do docente e sua identidade/prática profissional e como a construção destes sentidos subjetivos incide no processo pedagógico.

Na crença de que a subjetividade do docente torna-se vinculada às suas práticas, de modo que suas experiências singulares de vida afetam e são afetadas pelas experiências profissionais, busca-se maior compreensão dessa inter-relação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Ângela Rodrigues Alves de. Pensar e repensar a formação profissional: a experiência do curso de Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP – Franca. 2007. 197f. Tese (Livre-docência) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2007.

BERNARDO, Maria Angélica Baldassa. Desafios da educação superior na atualidade: trajetórias docentes. Tese. PUC-CAMPINAS, Campinas, 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (Org.). Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

CAMPOS, Regina Célia Pereira. Subjetividade e trabalho docente: como ficam os professores na era das transformações? Disponível em <http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_29/regina_campos.pdf> Acesso em: 02 nov. 2010.

CAMPOS, Vanessa T. Bueno. Marcas indelévels da docência no Ensino Superior: representações relativas à docência no Ensino Superior de pós-graduandos de Instituições Federais de Ensino Superior. 2010, 292 f.

CASTANHO, Maria Eugênia. Pesquisa em pedagogia universitária. In: CUNHA, Maria Isabel da (org). Reflexões e práticas em pedagogia universitária. Campinas/SP: Papirus, 2007, 63-74p.

CORDEIRO, Telma de Santa Clara. A aula universitária, espaço de múltiplas relações, interações, influências e referências. In: CUNHA, Maria Isabel da (org). Reflexões e práticas em pedagogia universitária. Campinas/SP: Papirus, 2007, 111-124p.

CUNHA, Maria Isabel da. O lugar da formação do professor universitário: a condição profissional em questão. In: Reflexões e práticas em pedagogia universitária. Campinas/SP: Papirus, 2007, 11-26p.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.14, n. 2, p. 3-11, 2000.

_____. Pedagogia da práxis. São Paulo: Cortez, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2009.

JUSEVICIUS, Vanessa Cristina Cabrelon. Subjetividade em sala de aula: a relação professor-aluno no Ensino Superior. 2006. 128f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2006.

LANE, Sílvia Tatiana Maurer. A dialética da subjetividade versus a objetividade. In: FURTADO, Odair; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LEITE, Carlinda; RAMOS, Kátia. Docência universitária: a análise de uma experiência formação na Universidade do Porto. In: CUNHA, Maria Isabel da (org). Reflexões e práticas em pedagogia universitária. Campinas/SP: Papyrus, 2007, 27-42p.

LIBÂNIO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 27, p. 5-24, set./dez. 2004.

_____. Didática. São Paulo: Cortez, 1991.

MANCIBO, Deise. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. Psicologia Reflexão e Crítica. Porto Alegre, n 0001, ano/vol. 20, p 74-80, 2007.

MARTINS, Evandro Silva. A etimologia de alguns vocábulos referentes à educação. Olhares e Trilhas, Uberlândia, ano 6, n. 6, p. 31-36, 2005.

PAGNEZ, Karina Soledad Maldonado Molina. O ser professor do ensino superior na área da saúde. Tese. Psicologia da Educação, PUC-SP, São Paulo, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Percorrendo caminhos na educação. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 273-290, 2002.

_____. Escola e democracia: polêmicas do nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. Educação e questões da atualidade. São Paulo: Livros do Tatu ; Cortez, 1991.

_____. Educação: do sendo comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez ; Autores Associados, 1984.

